

**Resumo:** O Documento de Aparecida oferece significativas e imprescindíveis contribuições para a formação do presbítero. Atento à mudança de época em que vivemos, marcada sobretudo pelo modo de ter de existir e pelo modo urbano de existir, urge um repensamento do modo de ser Igreja e do seu agir missionário. Consequentemente, é preciso repensar também o ser e agir do presbítero, chamado a assumir a missão de pregar o Evangelho de Jesus Cristo que valoriza “ser” pessoal e cristão. Contra a “profissionalização do ministério presbiteral”, é preciso afirmar a missão, gratuita e permanente, como eixo articulador da formação presbiteral.

**Abstract:** The Document of Aparecida makes some significant and irreplaceable contributions to the formation of priests. With special attention to the changes in our time and age, as marked by the means needed for existence over the mode of urban existence, a new requirement is made to the Church so as to stress the mode of Christian belonging and missionary action of the faithful. As a result, priestly vocation should focus on the role of the priest as preacher of Christ's gospel, rather than on a mere professional ministry. Most important of all is to reaffirm his commitment to Jesus Christ in view of the gratuitous and permanent mission of the priest in unrelenting growth towards perfection.

## Formação presbiteral inicial e permanente\*

Ângelo Domingos Salvador, OFM Cap\*\*

---

\* Este texto foi publicado pelas edições CNBB na coleção À Luz de Aparecida, 2009.

\*\* O autor é especialista em cultura brasileira e bispo emérito da diocese de Uruguaiana, RS.



## Introdução

Que contribuições a Conferência de Aparecida oferece à formação de Presbíteros? Em outros termos, que diretrizes de formação presbiteral podem ser obtidas ou inferidas da Conferência de Aparecida? O presente texto não trata de todo o sistema de formação presbiteral. Limita-se às principais contribuições de Aparecida.

Evidentemente, o assunto deve ser tratado, quer de acordo com as orientações explícitas no Documento de Aparecida, quer de acordo com as orientações nele implícitas, ou seja, seu espírito, seus horizontes e suas perspectivas.

Ora, “a V Conferência do Episcopado Latino-Americano e Caribenhno é novo passo no caminho da Igreja” (DAp, n. 9); “abre-se a passagem para um novo período da história” (DAp, n. 10); “a Igreja é chamada a repensar profundamente e a relançar com fidelidade e audácia sua missão nas novas circunstâncias” (DAp, n. 11). “Trata-se de confirmar, renovar e revitalizar a novidade do evangelho” (DAp, n. 11); “encontramo-nos diante do desafio de revitalizar nosso modo de ser católico” (DAp, n. 13); “Isso requer uma evangelização mais missionária” (DAp, n. 13).

Ora, os presbíteros “são os primeiros promotores do discipulado e da missão”, “os primeiros agentes de uma autêntica renovação da vida cristã no povo de Deus”. Em consequência, “eles devem receber de modo preferencial a atenção e o cuidado paterno de seus Bispos”<sup>1</sup>. Tal atenção e cuidado preferenciais devem começar no processo de sua Formação Inicial e continuar e, até mesmo, intensificar-se no processo de sua Formação Permanente.

Em consequência, trata-se de empreender “novo passo” no caminho da formação presbiteral, de tal forma que se inicie “novo período” de sua história. Isto exige que se entre num processo de “repensar profundamente” a formação, a fim de renová-la e revitalizá-la, na perspectiva missionária.

A sequência dos assuntos pode ser formulada assim: Para novo modelo de sociedade, um novo modelo de Igreja; para novo modelo de Igreja, um novo modelo de presbítero; para novo modelo de presbítero, um novo modelo de formação.

<sup>1</sup> Bento XVI, Homília na Eucaristia de inauguração da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, 13 de maio de 2007, Aparecida, Brasil.



## I Contexto da formação presbiteral

Neste capítulo, tratamos dos seguintes temas: 1) Globalização do “Modo Ter de Existência” – tópico tratado com relativa extensão; 2) Globalização do “Modo Urbano de Existência” – tópico breve; 3) Situações que afetam a Vida Presbiteral – tópico igualmente breve.

### 1 Globalização do “modo ter de existência”<sup>2</sup>

#### *Novo Modelo de Sociedade*

##### Introdução

Ao falar da “identidade e do Ministério dos Presbíteros” a Conferência de Aparecida afirma que “um olhar ao nosso momento atual nos mostra situações que afetam e desafiam a vida e o ministério de nossos presbíteros” (Dap, n. 192). Depois aponta alguns desafios. Particularmente, “o segundo desafio se refere ao ministério do presbítero inserido na cultura atual” (Dap, n. 194). Antes disso, no capítulo II ao falar de “um olhar dos discípulos Missionários sobre a Realidade”, afirma categoricamente: “VIVEMOS UMA MUDANÇA DE ÉPOCA, e seu nível mais profundo é o cultural” (Dap, n. 44). Significa: Estamos saindo de um modelo ou sistema de sociedade e entrando em outro, ou seja, um modelo ou sistema está passando e outro vem chegando. Assim, estamos no tempo da passagem de um para outro. De fato, já não estamos em época de mudanças acidentais ou graduais dentro do mesmo modelo ou sistema social, mas, sim, de mudanças substanciais e essenciais, que caracterizam outro modelo ou outro sistema de sociedade. Tais mudanças, segundo Aparecida, revelam-se principalmente no nível cultural, evidentemente com reflexos nos demais níveis. Há, porém, analistas<sup>3</sup> que falam que já entramos dentro de outra época, num outro modelo, num outro sistema de existência humana no planeta Terra. Em outros termos, já estamos vivendo em situação substancial e essencialmente diversa. Então, a diferença entre ontem e hoje, não é de grau, de qualidade, de quantidade, de relação, de ação ou de qualquer outro predicamento

<sup>2</sup> Este texto foi apresentado durante a 46ª Assembleia da CNBB, realizada em Itaici, nos dias 02 a 11 de abril de 2008.

<sup>3</sup> NEUTZLING, Inácio, Uma época de Mudança, Revista Convergência, Ano XLIII, Nº 409, março 2008, pág. 107-131. O texto foi apresentado também no Fórum da Igreja Católica do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. É um artigo científico com todo o aparato técnico.



acidental, mas de natureza ou essência. Não é apenas época diferente: É outra época, diversa.

Que critério nos garante a legitimidade da afirmação: Vivemos uma mudança de época? Como se caracteriza a “mudança de época”? Ou mais radicalmente: Em que novo modelo ou novo sistema estaríamos vivendo? Como se caracteriza tal modelo, sistema ou época? Como resposta, apresentamos aqui, de forma breve, um ponto de vista, que é sempre a vista de um ponto. Outros, de outros pontos, podem ter e apresentar outros pontos de vista. Não há espaço para relacioná-los. O que apresento, parece-me o “óbvio ululante” (Nelson Rodrigues).

### 1.1 *Globalização do Modo Ter de Existência*<sup>4</sup>

*Tese.* Hoje, no mundo inteiro, o motor da história, o fator gerador de outra civilização, o eixo articulador da organização social são os BENS: Não mais o “bem” ou os valores, mas, sim, os “bens”. A preocupação central da sociedade estabelecida, oficial e pública, não é mais “o bem ou o mal”, mas os bens econômico-financeiros.

Sua ética não é mais a do “bem”, mas a dos “bens”. Em outros tempos: Passamos de uma cultura de valores para uma cultura de bens; de uma civilização de valores para uma civilização de bens.

Já em 1920 R. H. Tawney falava do aparecimento de uma “sociedade aquisitiva”, sociedade que se organiza em função da aquisição de bens. Em 1977, o conhecido escritor polivalente, Erich From, escrevia o livro “Ter ou Ser”, em que analisava dois modos de existência, já então facilmente visíveis na sociedade: O modo ser e o modo ter. Com referência ao modo ter, também é dele a distinção entre “modo ter existencial” e “modo ter caracterológico”: O primeiro é tendência e exigência natural de sobrevivência. O “meu é prolongamento do eu”. O segundo é aprendizagem cultural. Possui o modo ter de existência, caracterológico, como traço de caráter, quem tende a classificar tudo em termos de bens, de rendimento e de lucro. Então, pessoas, conhecimento, amor, religião, até o próprio Deus, tudo passa a ser visto e tido como objeto de posse e

<sup>4</sup> A presente exposição inspira-se também em “Sacerdotes para Hoy”, artigo de Joseph Mattam, cujo resumo se encontra em “Selecciones de Teología”, Vol. 45, jul-set, 2006, Nº 179, pág. 230 a 240. O autor afirma que o problema fundamental da formação de sacerdotes de hoje é o ponto de vista do mundo, em que é dominante o “Sistema do Ter”, com o “sistema do Fazer”, os quais definem o “sistema de valores mundanos”, que prevalecem em nosso tempo.



de lucro, ou seja, como valor economicamente rentável, em termos de vantagem ou desvantagem.

Assim, o modo ter de existência, de tendência natural, passou a ter caráter cultural. Este, de alcance singular, de um ou outro indivíduo, evoluiu para caráter particular, de grupos. Na sequência, passou de grupos cada vez maiores até alcançar inteiras sociedades. Hoje, assistimos à universalização ou globalização do modo ter de existência. Assim, de caráter singular, particular e parcial, o modo ter de existência passou a ser caráter global e dominante da inteira sociedade humana, no planeta terra.

Podemos dizer hoje – somente hoje – que há dois modos de existência com caráter de globalidade – modos globais de viver e de estar no planeta terra, modos que abarcam a totalidade da vida pessoal e social, durante todo o tempo: De um lado, o modo masculino e feminino de existir, de natureza biológica, e, de outro, o modo ter de existir, de natureza cultural.

Na terminologia de Mendel, assim como no varão o modo masculino comporta-se à maneira de caráter dominante e o modo feminino, à maneira de caráter recessivo, assim também em toda a extensão do planeta e em todas as suas sociedades humanas organizadas, o modo ter de existência, centrado em bens, comporta-se igualmente como caráter dominante, oficial e público, enquanto, por sua vez, o modo ser de existência, centrado em valores, comporta-se como caráter recessivo, particular e privado.

Ao modo ter de existência, agrega-se o modo fazer: Para o “ter” é necessário o “fazer”, o agir, a ação. Ao “ter material” corresponde o “fazer tecnológico”. É que a máquina produz mais, é facilmente substituível e não reclama direitos.

Como fruto e manifestação, verifica-se o “ethos instrumental ativo”, ou seja, o hábito de pensar-se e comportar-se como mero instrumento de trabalho. Deste modo, o ter e o fazer constituem o caráter dominante, público e oficial de nossa época, enquanto o ser e o viver sobrevivem como caráter recessivo, privado e particular.

## *1.2 Características do Modo Ter-Fazer de existir Globalizado*

Nunca, no planeta Terra, viveu-se um modo de existência tão universalizado como o atual, declaradamente considerado “o Fim da História”. De fato, Francis Fukuyama, no livro “O Fim da História e o



Último Homem” considera que o triunfo da democracia liberal do ocidente sobre todos os demais sistemas e ideologias é o fim da história, tendo, então, aparecido o último tipo ideal de ser humano, o homem neoliberal. Apresentamos algumas características mais marcantes, destacando o que é dominante e o que é recessivo.

#### Fato Gerador do Sistema

Os “bens” são constituídos fato gerador, fator determinante e caráter dominante da estrutura interna de todo o sistema de organização social, enquanto os “valores” são confinados à condição de caráter recessivo. Os “bens” são assunto “maior”, enquanto os “valores” são assunto “menor”. Os “bens” são assunto público; o bem é assunto privado. Os “bens” são assunto oficial e obrigatório, os “valores” são assunto particular e voluntário ou livre. Em razão disto, à produção, circulação e consumo de “bens” é reservada a parte maior e a mais nobre do dia, enquanto o cultivo de “valores”, tanto humanísticos quanto religiosos, é confinado ao fim do dia e dentro da noite. Nos noticiários dos Meios de Comunicação social, mais de 90% dos assuntos é de natureza econômico-financeira, reservando-se menos de 10% para outras notícias. O autor de “O Pecado de nossa Época” afirma que ele consiste em não mais se falar de “pecado”, ou seja, do bem e do mal. Tal livro indica a data em que o Presidente dos Estados Unidos falou, pela última vez, de pecado. Depois dessa data, diz o Autor, os Estados Unidos não cometeram mais pecados! Em seu lugar, talvez tenham tido desvios de conduta ou cometido crimes!

#### Novos Protagonistas Sociais

Na lógica do sistema, houve substituição dos protagonistas sociais. No modo ser de existência, os geradores da vida e da organização social, eram os PAIS, os PROFESSORES e os PADRES. Então, nesse modo de existência, ocupavam lugar de destaque a Família, a Escola e a Igreja (Religião). Sobre eles recaía o “louvor” quando a sociedade ia bem; sobre eles recaía a “crítica” em tempos de crise social. Tais protagonistas se davam bem entre si.

No modo ter de existência, os protagonistas sociais passaram a ser os PODEROSOS, os PODERES ou POLÍTICOS, ou “PÚBLICOS” (os formadores da opinião pública). São eles que exercem a liderança absoluta na nova sociedade. Agora, nesse modo de existência, ocupam lugar de destaque as instituições financeiras, as instituições políticas e as instituições de comunicação social. Os novos protagonistas se dão



muito bem entre si, mas todos se dão muito mal com a religião e com a ética (dos valores).

Na Era da Economia, os poderosos, os políticos e os “públicos”, assumem a “dominância” na sociedade global, enquanto os pais, os professores e os padres passam à recessividade.

### Desejos (*wants*) X Necessidades (*needs*)

Na lógica do sistema, segundo a versão neoliberal, para que o progresso econômico não sofra solução de continuidade, ou então, seja permanente, contínuo, sem interrupção, as necessidades individuais e sociais são substituídas por desejos individuais e sociais, como motor do progresso. Assim, os desejos são constituídos em fator e caráter dominante, enquanto as necessidades são relegadas à condição de recessivas. Em outros termos, a sociedade deve organizar-se, não para satisfazer necessidades, mas para satisfazer desejos. De outro modo, a sociedade deve organizar-se, não para atender direitos, mas para satisfazer ambições. Por que? Porque as necessidades são limitadas e saciáveis, enquanto os desejos são ilimitados e insaciáveis. Logo, o progresso a partir de necessidades é limitado, enquanto o progresso a partir de desejos não tem fim.

1ª Consequência: Se a necessidade é limitada e saciável, pode haver “sobras”. Se o desejo é ilimitado e insaciável, nunca há “sobras”; assim, enquanto a necessidade favorece a “distribuição”, o desejo favorece a “concentração”. Na lógica do sistema, a “concentração” de bens é dominante e “desejável”, enquanto a “distribuição” de bens é recessiva e “indesejável”.

2ª Consequência: Uma “saudável desigualdade” deve ser estimulada e promovida, de preferência à estagnante igualdade. A desigualdade deve vir a ser caráter dominante, enquanto a “igualdade” deve ser relegada à recessividade, a algo particular e privado, até mesmo evitada, em razão de sua potencialidade à estagnação. Como, então, promover a “saudável desigualdade”?

### Opção preferencial pelas grandes Fortunas X Opção preferencial pelos pobres

Para o neoliberalismo, o motor do progresso não é o simples desejo, mas o “desejo mimético”. Diz Frederico Hayeck, o Pai do neoliberalismo: “A maior parte das coisas, que nos esforçamos para conseguir, as queremos porque os outros já as têm”. É da estrutura do desejo mimético o desejar, não tanto pelo valor do objeto em si, mas sobretudo pelo fato



de que outros já o têm. Além disto, constata Hayeck, “um novo bem ou uma nova mercadoria, antes de ser uma necessidade pública e formar parte das necessidades da vida, constituem geralmente caprichos de uns poucos escolhidos. Os luxos de hoje são as necessidades de amanhã”.

Por essas razões, os ricos, as grandes fortunas, são os “escolhidos do sistema”, os “grandes profetas” do desenvolvimento. Eles, provocando o desejo mimético, promovem o desenvolvimento contínuo. Deles pode-se dizer o que Santo Agostinho dizia dos santos e santas: “Si isti et istae, cur non ego?”, ou seja, se estes e estas, por que não eu? De fato, o motor da santidade é o desejo mimético.

O jornal Zero Hora noticiou, dia 22.03.08, a propósito da Reforma Tributária, que “especialistas divergem sobre imposto das grandes fortunas”. Diz um deles: “É uma ideia fascista, porque tira o incentivo ao investimento e à produção de bens”.

No que se refere aos pobres, é o mercado que determina quantos ele permite existirem, enquanto necessários como força de trabalho ou mão-de-obra qualificada. Os demais, excluídos do mercado de trabalho, não devem vir a existir, mediante rígidos programas de controle da natalidade. Os ricos não têm mais capacidade para manter tantos pobres!

#### Globalização da Competição X globalização da solidariedade

É notório para o senso comum que a competição é processo dominante, global, público, oficial e aprovado, enquanto a solidariedade está relegada à recessividade, à iniciativa privada, ao voluntariado livre. Nada escapa ao processo competitivo, onde necessariamente há vencedores e primeiros, triunfantes e humilhados, vencidos e “segundos”. Não escapam do processo competitivo, nem mesmo o esporte, como o popular futebol; a diversão, como o brasileiroíssimo carnaval; e a religião, com a teologia da prosperidade.

#### Globalização da competência X qualidade de vida

Na lógica do sistema, o ideal máximo de ser humano, homem e mulher, é o de vir a “ser competente para ser competitivo”. Na formação de seus profissionais, o sistema exige duas coisas: Especialização científica e habilitação tecnológica. A qualidade de vida do profissional é assunto privado, no qual o sistema não entra. O propagado projeto de “Qualidade Total” na administração de empresas tem por finalidade a otimização de rendimentos.



## Mercado X Estado

Enquanto KEINES (1883-1946), propunha uma sociedade de bem estar para todos, mediante a intervenção do Estado, com o regime de pleno emprego, para HETYECK tal procedimento é “O Caminho da Perdição” (título do livro, em que expõe os princípios do neoliberalismo). Para ele, cabe ao mercado a regulação da sociedade, não ao Estado. Então, o próprio Estado passa a ser fator-regulador recessivo, enquanto o mercado (a mão invisível) é fator-regulador dominante. O Estado é regulador social na medida em que garante livre trânsito ao mercado.

### *1.3 Legitimação do Sistema Dominante*

Sem entrar em maiores detalhes explicativos, podemos indicar duas fontes conceituais legitimadoras do sistema dominante:

1) A secularidade, que adquire status de “doutrina sagrada”, segundo a qual o mundo, a sociedade, se explicam, se legitimam e se governam por si mesmas, sem necessidade de qualquer intervenção externa, seja da religião, seja de Deus. Assim, a sociedade democrática é sociedade auto-suficiente, a qual se explica, se legitima e se governa democraticamente, sem necessidade de algo externo que nela interveja. Afirma Habermas: “Tenho por mim que a constituição do Estado constitucional liberal basta a si mesma para se legitimar, pois dispõe de um acervo cognitivo de argumentos que independe das tradições religiosas e metafísicas”<sup>5</sup>.

2) A laicidade. O Estado laico, com todas as suas instituições, como a Escola Pública, orienta-se por três fontes de conhecimentos e de critérios: 1) A natureza das coisas, revelada pela ciência; 2) a razão humana, que se expressa pela filosofia; 3) Os usos e costumes estabelecidos, e os demais elementos, da cultura socializada. Porque isto lhe é suficiente, o Estado laico prescinde da religião. Não se opõe a ela, nem a nega, mas prescinde dela, procedendo como se ela não existisse. A laicidade – “essencial na tradição cristã autêntica” (Bento XVI) –, exige um reposicionamento da Igreja.

<sup>5</sup> HABERMAS, Jürgen; RATZINGER, Joseph. *Dialética da Secularização – Sobre Razão e Religião*. Aparecida, Editora Ideias & Letras, 2007, pág. 33. Diálogo entre Jürgen Habermas e Cardeal Joseph Ratzinger, dia 19 de janeiro de 2004, na Academia Católica da Baviera.



## 1.4 Corolários: Igreja e Presbíteros

### Igreja na Recessividade

Não na dominância, nem na clandestinidade, mas na recessividade. Por tudo o que foi dito acima, percebe-se bem qual o lugar da Igreja Católica na sociedade global e particularmente no Estado Brasileiro: Está e atua na privacidade da recessividade.

A Igreja Católica no Brasil já fez parte dos protagonistas sociais, junto com os Pais e os Professores. Ainda subsiste um “substrato Católico”, que se manifesta na religiosidade popular. Mas pública e oficialmente a Igreja passou para à condição de entidade recessiva. Já vivemos no passado próximo situações de perseguição, durante os quais setores ou agentes da Igreja foram encurralados para a clandestinidade. Não é ainda esta, porém, nossa situação geral, ao menos não do mesmo modo.

Mas não resta dúvida de que o espaço disponível é o da recessividade, como entidade privada, que congrega voluntários, por livre adesão. Durante muito tempo, particularmente em muitas comunidades rurais, pertencer à Igreja e nela atuar era o veículo ordinário de integração social. Hoje, porém, especialmente na cultura urbana, pluralista, pertencer à Igreja e nela atuar, representa quase nada, em termos de integração social. É mero assunto privado. Esta é a razão por que sua intervenção em assuntos da vida pública vai sendo cada vez mais interpretada, sobretudo pelos novos protagonistas sociais, como intromissões indevidas e reprováveis. Haja vista, a rumorosa discussão sobre as células tronco de embriões humanos.

Em termos comparativos, podemos dizer que a Igreja, na sociedade secular e laica, é como a vegetação baixa no meio de vasta floresta de imensos jequitibás. Com muito esforço consegue acesso a uma nesga de sol para poder sobreviver!

Como podem ser a vida e a missão da Igreja na situação de recessividade num Estado laico? O assunto merece especial atenção. Duas coisas, ao menos, tornam-se claras: 1) Na recessividade de um Estado laico, a Igreja, garantida sua independência e autonomia, tem aberto o canal da ação profética, não como “contra comunidade”, mas dentro da sociedade; 2) Em situação de recessividade num Estado laico, seu profetismo básico deve ser precisamente o do testemunho de vida. Talvez esteja aqui nosso problema crucial – problema talvez ainda não reconhecido. Cabe recordar aqui as propostas de João Paulo II, em *Evangelium Vitae*,



onde ele propõe uma “virada Cultural”: “Urge uma mobilização geral das consciências e um esforço ético comum, para realizar uma grande estratégia a favor da vida. Todos juntos devemos construir uma nova cultura da vida” (EV, n. 95).

Tal virada cultural “exige de todos a coragem de assumir um novo estilo de vida que se exprime colocando... o primado do ser sobre o ter, da pessoa sobre as coisas”, mais ainda “a passagem da indiferença ao interesse pelo outro: Os outros não são concorrentes de quem temos de nos defender, mas irmãos e irmãs de quem devemos ser solidários” (EV, n.96).

Tal proposta foi renovada, em *Novo Milenio Ineunte*, onde indica a santidade de vida, como a primeira prioridade pastoral no início do novo milênio: “Não hesito em dizer que o horizonte para que deve tender todo o dinamismo pastoral é a santidade”... “É hora de propor de novo a todos, com convicção, essa ‘medida alta’ da vida cristã ordinária: toda a vida da comunidade eclesial e das famílias cristãs deve apontar nessa direção” (NMI, n. 30).

Ainda em termos comparativos, podemos dizer que a Igreja, em situação de recessividade num Estado laico, cumprirá sua missão se vier a ser como o cacau, que cresce viçosamente à sombra de florestas. Pelo “valor” de seu testemunho de vida, a Igreja pode vir a ser a grande “fortuna” do povo, especialmente dos mais pobres.

#### Profissionalização do Ministério Presbiteral

Faz algum tempo, divulgou-se o slogan: “Homem de meu tempo, tenho pressa”. De fato, homens de nosso tempo, temos imensa dificuldade de resistir ao espírito da época, ou seja, ao que é social, pública e oficialmente aprovado.

O então Cardeal Ratzinger, em Retiro para a Casa Pontifícia, fazendo uma “Meditação sobre o Sacerdócio”, constata que “nos últimos anos tem-se refletido muito sobre o sacerdócio e também tem havido muitas polêmicas. Nessas discussões, ele saiu cada vez mais reforçado pelos muitos e apressados argumentos mediante os quais se procurou eliminá-lo como sacralização mal-entendida para o substituir por simples serviços temporários de caráter funcional”.

De fato, como filhos de nossa época, podemos cair na tendência de equiparar o Sacerdócio e, mais precisamente, o ministério presbiteral, a um simples serviço, até temporário, de caráter funcional. Em outros termos, podemos aderir à tendência de equiparar o ministério presbiteral



a uma simples profissão secular, para cujo exercício são suficientes a especialização teológica e a tecnologia pastoral. Nessa concepção, conta pouco a santidade de vida, incluído o celibato sacerdotal. Tal tendência terá já chegado até aqui? Para nós, na América e no Brasil, essa tendência é já real ou ainda é meramente hipotética?

Durante o processo de formação inicial, a nossa linguagem parece indicar que a formação intelectual, filosófico-teológica, é absolutamente dominante, enquanto a formação pastoral e, sobretudo, a formação humano-afetiva, comunitária e espiritual, são recessivas. Pois ao perguntar a um seminarista: Em que tempo de formação se encontra? Invariavelmente, ouvimos a resposta: Estou em tal ano de Filosofia ou em tal ano de Teologia. Isto é dominante, o restante é recessivo. Como nos desviar, no processo de formação inicial, de tal tendência? Por outro lado, nós mesmos, por ocasião de jubileus, ao recomendar bispos e padres, relacionamos ordinariamente seus empreendimentos ou suas obras. Ora, já dizia Segundo Galileia: “Dizer de um Padre ou de um Bispo que trabalha muito não diz nada de importante”!

## 2 Globalização do modo urbano de existir

Estima-se que, atualmente, cerca de 70% da população mundial localiza-se em cidades; os demais 30% são invadidos, mediante os Meios de Comunicação de Massa, pela mentalidade urbana: estes são urbanos.

Em Aparecida, a cultura urbana é tratada diretamente a propósito da “Situação sócio-cultural” (DAp, n. 43-59) e da “Pastoral Urbana” (DAp, n. 509-519). Muitos outros números fazem referência a ela. Pode-se dizer, contudo, que a cultura urbana perpassa todo o Documento. Em verdade, quando o Documento fala de cultura socializada tem como pano de fundo e como referência a cultura urbana (DAp, n. 39). O assunto necessita de amplo desenvolvimento.

Aqui fazemos apenas menção dele. Destacamos, porém, duas características da cultura urbana, como amostras indicadoras da necessidade de renovação, quer da organização da Igreja, quer de sua ação, quer da formação presbiteral.

A cultura rural era centrípeta; a cultura urbana é centrífuga: a cidade cresce para fora do centro; a população urbana busca residir para fora do centro. Por outro lado, a cultura rural orientava-nos a obedecer. A



norma suprema era: “Eu obedeco” à natureza e seu ritmo; ao contrário, a cultura urbana orienta-nos a que cada um escolha e decida por si<sup>6</sup>. A norma suprema é: “Eu escolho, eu decido”, de acordo com a cultura que nós construímos.

A simples citação de tais características é suficiente para nos convencer de que a Igreja deve descentralizar-se e fazer-se presente lá onde se encontra o povo, organizando-se em rede de comunidades, fixas e móveis (Dap, n. 172-177). Por outro lado, a Igreja e sua ação devem ser tais que possam vir a ser escolhidas entre inúmeras alternativas. E a formação de Presbíteros deve ser tal que leve em conta estas novas realidades.

### 3 Situações que afetam a existência presbiteral

Aparecida afirma que “um olhar ao nosso momento atual nos mostra situações que afetam e desafiam a vida e o ministério de presbíteros” (Dap, n. 192), entre as quais destacam-se:

- a) A identidade teológica do ministério presbiteral. O sacerdócio ministerial está a serviço do sacerdócio comum dos fiéis, e cada um participa do único sacerdócio de Cristo de maneira qualitativamente diferente. Mas o ministro ordenado não pode cair na tentação de considerar-se mero delegado ou representante da comunidade, e, sim, dom a ela, pela unção do Espírito e por sua especial união a Cristo, Cabeça (n. 193);
- b) A inserção do Presbítero na cultura atual. É o desafio de fazer com que a Mensagem de Jesus chegue a ser interpelação válida, compreensível, cheia de esperança e relevante para hoje, especialmente para os jovens (n. 194);
- c) Aspectos importantes da vida e ministério do presbítero exigem atenção especial, tais como a afetividade e o celibato; a vida espiritual, fundada na caridade pastoral; as relações fraternas com o Bispo e com o presbitério, etc.; em particular a valorização do celibato (Dap, n. 195; 196);
- d) Desafios de caráter estrutural, tais como paróquias muito grandes; paróquias muito pobres; paróquias em regiões de extrema

<sup>6</sup> A TV Globo, do Brasil, manteve por longos anos o programa “Você Decide”, no qual eram abordados assuntos polêmicos do momento.



violência e insegurança, e a falta de adequada distribuição dos presbíteros (DAp, n. 197).

### **Breve síntese**

- 1) Vivemos em mudança de época, até mesmo em nova época, cujas características dominantes são a globalização do modo ter e do modo urbano de existir, no qual os “bens” são caráter dominante, e o “bem” é caráter recessivo, e “eu escolho ou decido” é caráter dominante, e “eu sigo ou obedeço” é caráter recessivo.
- 2) O lugar da Igreja na sociedade atual já não é o da dominância (entre os protagonistas sociais), ainda não é o da clandestinidade, mas já é o da recessividade, no mundo do privado, do voluntariado ou do terceiro setor (ao lado do Estado e do mercado): Seu espaço é o da globalização do ser, da qualidade, da santidade, da comunhão/solidariedade e missionariedade/testemunho.
- 3) A formação presbiteral deve privilegiar o “ser”, a qualidade, a santidade, a comunhão e a missionariedade/testemunho, mais do que o “fazer”, a função, as atividades, segundo a norma evangélica, norma suprema da vida presbiteral: *“Eu me consagro por eles, a fim de que eles também sejam verdadeiramente consagrados”* (Jo 17,19).

## **II Novo modelo de Igreja, de presbítero e de sua formação**

A formação presbiteral deve situar-se, evidentemente, dentro da ação da Igreja, enquanto continuação da ação de Cristo, pois a formação presbiteral é formação de agentes ordenados para a ação da Igreja. Ora, a Conferência de Aparecida propõe que a ação da Igreja, na América Latina e no Caribe, segundo “pareceu bem ao Espírito Santo e a nós”(At 15,28) (DAp, n. 547), tenha como eixo inspirador e articulador sua missão evangelizadora. Logo, a formação de presbíteros para a ação da Igreja na América Latina e no Caribe deve ter como eixo inspirador e articulador a missão evangelizadora.



## 1 Mudança do eixo articulador da ação da Igreja

Como vimos, o Documento de Aparecida constata que “vivemos uma mudança de época” (DAP, n. 44). Por nossa vez, constatamos que Aparecida propõe uma mudança de eixo articulador da ação da Igreja. Enquanto a consigna ou eixo articulador de Medellín é “libertação” (libertação de), o de Puebla é “comunhão e participação” (libertação para), e o de Santo Domingo é “inculturação” (evangelização como), qual é a consigna, o eixo articulador, a ideia diretriz, de Aparecida?

### 1.1 *Formulação da Mudança*

O Documento de Aparecida trata explicitamente da conversão para a missionariedade no Cap. VII e nos números 365 a 372. Entre muitas, eis duas manifestações explícitas:

“A conversão pastoral de nossas comunidades exige que se vá de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária” (DAP, n. 370).

Aqui o termo “pastoral” é empregado em sentido amplo, e pode ser substituído por “ação da Igreja”.

A missionariedade deve informar toda a ação da Igreja:

*“Esta firme decisão missionária deve impregnar todas as estruturas eclesiais e todos os planos pastorais de dioceses, paróquias, comunidades religiosas, movimentos e de qualquer instituição da Igreja. Nenhuma comunidade deve se isentar de entrar decididamente, com todas as forças, nos processos constantes de renovação missionária e de abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé”* (DAP, n. 365).

A mudança proposta por Aparecida pode ser apresentada assim: Progredir de uma Igreja de manutenção a uma Igreja decididamente missionária. Tal mudança pode também ser formulada assim: Progredir de “pastoral” para “Missão”. Neste caso, os termos “pastoral” e “missão” são tomados em sentido restrito e próprio. De fato, por “pastoral”, em seu sentido próprio, entende-se o atendimento daqueles que já são discípulos de Cristo. Por sua vez, “missão”, em seu sentido próprio, é ir ao encontro de quem ainda não é discípulo de Cristo ou de quem já não é discípulo de Cristo (Cf. *Redemptoris Missio*, n. 33). Finalmente, tal mudança pode



ser formulada assim: Progredir de “Igreja: Vida-comunhão-comunidade” para uma “Igreja: Ação-missão-missionariedade”. Ou, então, com mais propriedade: A partir de “Igreja: Vida-comunhão-comunidade”, progredir para “Igreja: Ação-missão-missionariedade”.

Como se percebe, trata-se de verdadeira mudança de modelo de Igreja, progredindo de um modelo a outro, em que o eixo articulador já não é a “comunhão”, nem a “organização”, mas, sim, a “missão”, como veremos logo adiante. Em outros termos, trata-se de verdadeira re-estruturação da própria identidade da Igreja, com inversão de seus elementos constitutivos.

## 1.2 *Explicitação da Mudança*

A identidade de qualquer criatura, indivíduo ou entidade, compõe-se de três elementos constitutivos, dos quais dois elementos são essenciais: Vida e ação, vocação e missão, forma de vida e categoria de ação, e um elemento é complementar: a organização. De fato, definir a forma de vida de uma criatura e sua função na sociedade é definir sua identidade, a qual se forma e se constrói em constante processo. Tal identidade, à medida que avança, passa a estruturar-se e a organizar-se, a fim de firmar-se como realidade permanente. Assim, uma definição completa da identidade de um indivíduo ou de sua entidade inclui sua forma de vida e sua função, papel ou missão na sociedade, bem como sua forma de organizar a vida e a missão.

Ora, a forma de vida da Igreja é “comunhão”, sua função ou missão no mundo é a “evangelização”.

Simplificando, podemos dizer que, antes do Concílio Vaticano II, a Igreja organizou sua vida-comunhão e sua missão evangelização na forma de “sociedade”; por inspiração do Concílio Vaticano II progrediu para a forma de “comunidade”; mas tem como ideal evangélico a forma de “fraternidade”. De fato, a Igreja de Cristo identifica-se como Povo de Deus que vive em comunhão, exerce a missão de evangelização e organiza-se ora como sociedade, ora como comunidade, tendo por ideal a fraternidade.

Os modelos de Igreja surgem e diferenciam-se segundo a prioridade ou primazia, não exclusão, que é dada a um dos elementos da identidade sobre os demais, tornando-se eixo articulador, enquanto os outros elementos situam-se como subordinados. Assim, “Igreja-comu-



nhão” é modelo, em que prevalece a comunhão: missão e organização subordinam-se à comunhão. “Igreja-organização” é modelo em que, prevalecendo a organização, subordinam-se a ela tanto a comunhão quanto a missão. Por fim, “Igreja-missão” é modelo em que comunhão e organização servem à missão.

Ora, a proposta central de Aparecida é inquestionavelmente a implantação do modelo de “Igreja-Missão”. Para nos convencer disto é suficiente reler a introdução e a conclusão do documento final da referida Conferência, como faremos adiante.

### *1.3 O que Aparecida entende por “missão”, “missionário”?*

Mas, que entende Aparecida por Missão? Antecipamos a resposta, dizendo: Em Aparecida, por missão entende-se primariamente a “função”, ou seja, a incumbência, o papel, que cabe à Igreja desempenhar no mundo. Tentemos detalhar os vários significados das palavras “Missão” e “missionário” no Documento de Aparecida, já que esse é o novo eixo articulador, quer da ação, quer da formação.

#### Missão como função

Em Aparecida, o termo “missão” é empregado predominantemente como sinônimo de “função”, de “papel”. Chama, assim, nossa atenção para a função da Igreja ou seu papel, seu lugar ou seu espaço, na sociedade e no mundo. De fato, o termo “missão” aparece cerca de 100 vezes; destas, em 90 vezes, ao menos, a palavra missão refere-se à função ou papel, ou seja, a um dos elementos da identidade da Igreja. Assim, vejamos alguns exemplos tomados aleatoriamente: “Cumprir a missão” (DAp, n. 21); “participar da missão de Jesus” (DAp, n. 131, 148); “continuar a missão de Jesus” (DAp, n. 151); “comunhão e missão” (DAp, n. 163, 164); “missão própria e específica dos leigos” (DAp, n. 202); “missão evangelizadora” (DAp, n. 158, 214); “Maria teve uma missão única” (DAp, n. 267).

O termo “missionário” encontra-se, no Documento de Aparecida, cerca de 150 vezes. Na maior parte delas, o termo “missionário” aparece ao lado de discípulo. Enquanto os termos “discípulo” e “discipulado” apontam para a vida do seguidor de Cristo, o termo “missionário” indica a função ou missão que ele exerce.



Se a vida da Igreja é vida de comunhão, a missão da Igreja é missão de evangelização ou missão evangelizadora. No Documento de Aparecida, aparece, algumas vezes, a expressão “missão de evangelizar”(DAP, n. 30). A expressão “missão evangelizadora”, mediante a qual unem-se intimamente missão com evangelização, aparece com mais frequência (DAP, n. 214; 287; 341; 450; 486; 532; 545). Assim, irmanam-se “discípulo missionário”, bem como “missão e evangelização”.

Daí, conclui-se que, segundo Aparecida, o eixo articulador da vida, ação e organização da Igreja, deve ser sua função ou papel, ou seja, sua missão, tornando-se de *iure* e de *facto* uma “Igreja Toda Missionária”. Assim, a missão deve impregnar, informar, conformar, reformar e transformar toda a Igreja, tanto a vida de comunhão, quanto a organização comunitária. Evidentemente, a formação dos agentes de uma Igreja Toda Missionária deve ter necessariamente como eixo articulador a missionariedade.

### Missão Continental

A experiência da Igreja de progredir do modelo societário para o modelo comunitário – desafio ainda não completamente superado – faz-nos prever o esforço que deve ser feito para progredir do modelo comunhão – Igreja para dentro e para nós – para o modelo missão – Igreja para fora e para outros. Assim, além de propor o modelo de uma Igreja Toda Missionária, Aparecida convoca a América Latina e Caribenha para uma ação ou projeto concreto coletivo, a fim de concretizar, por um exercício coletivo, a transformação do modelo eclesial: É a Missão Continental.

No final do segundo milênio e final do século XX, em preparação do Ano Santo de 2000, o Papa João Paulo II propôs um projeto coletivo de Missão Mundial, através da Carta Apostólica *Novo Milenio Adveniente*. Em seguida, já no início do novo século e do novo milênio, o mesmo Papa João Paulo II, através de nova Carta Apostólica, convocou as Igrejas Particulares a que elaborassem uma programação pastoral que significasse um “novo começo”, e indicou algumas prioridades pastorais universais.

Agora, o Episcopado Latino Americano e Caribenho propõe de novo um projeto coletivo de alcance continental: A Missão Continental. De tal proposta, Aparecida fala explicitamente nos números 362 e 551. Eis como a Missão Continental é apresentada:



A) No número 551:

- 1) O despertar missionário vai ter a forma de uma Missão Continental, que envolva todo o Continente;
- 2) As Linhas fundamentais já foram examinadas pela própria Conferência, mas deverão ser implementadas pela Assembleia Plenária do CELAM em Havana;
- 3) Exige a colaboração das Conferências Episcopais e de cada diocese;
- 4) Procura colocar a Igreja em estado permanente de missão, levando os navios mar adentro, com o poderoso sopro do Espírito Santo.

B) No Número 362: Tal projeto de Missão Continental exige, necessita e espera:

- 1) Exige-se aprofundar e enriquecer todas as razões e motivações que permitam converter cada cristão em discípulo missionário;
- 2) Necessita-se desenvolver em cada cristão a dimensão missionária da vida de Cristo e que cada comunidade cristã se transforme num poderoso centro de irradiação da vida em Cristo;
- 3) Necessita-se de forte comoção que impeça a Igreja de se instalar na comodidade, no estancamento e na indiferença, à margem do sofrimento dos pobres;
- 4) Espera-se um novo Pentecostes, que nos livre do cansaço, da desilusão, da acomodação ao ambiente: uma vinda do Espírito Santo que renove nossa alegria e nossa esperança;
- 5) Necessita-se de calorosos espaços de oração comunitária, que alimente o fogo do ardor missionário e que torne atraente o testemunho de unidade, para que o mundo creia (Jo 17,21).

Missão Universal

Parece certo que a Conferência de Aparecida quer uma “Igreja Toda Missionária” dentro do continente latino-americano e caribenho, bem como dentro dos próprios países. No entanto, é evidente também que tal orientação missionária inclui igualmente as missões além das fronteiras diocesanas, nacionais e continentais. Assim, há referências a presbíteros enviados a outras Igrejas como missionários (n. 191), a diáconos em fronteiras de missão (n. 208), à missão de toda a Igreja (n.



363). Além disso, trata explicitamente da missão *ad gentes* nos números 373 a 379, com também em 548.

#### 1.4 Igreja-Missão – Igreja Toda Missionária – Comprovação

A partir de “Igreja: “Vida-comunhão-comunidade” progredir para “Igreja: Ação-missão-missionariedade”, ou seja, progredir de “Igreja-Pastoral”-“Igreja Toda Pastoral”, a serviço dos “nossos”, para “Igreja-missão”-“Igreja Toda Missionária”, a serviço dos “outros”, é opção tão séria e revolucionária que exige detalhada comprovação. Vejamos a comprovação no Documento de Aparecida, em sua introdução e em sua conclusão.

##### Introdução ao Documento

Já na Introdução do Documento, como a definir sua intenção fundamental, de base, a Conferência declara: “A Igreja é chamada a repensar profundamente e a relançar com fidelidade e audácia sua missão nas novas circunstâncias latino-americanas e mundiais” (n. 11).

Por isso,

*“encontramo-nos diante do desafio de revitalizar nosso modo de ser católico e nossas opções pessoais pelo Senhor (...). Assim, “a partir de nossa identidade católica”, empreender “uma evangelização muito mais missionária, em diálogo com todos os cristãos e a serviço de todos os homens” (n. 13).*

Quais são as motivações para tal revitalização de nosso modo de ser católico em função da missão em todo o continente?

*“O que nos define não são as circunstâncias dramáticas da vida, nem os desafios da sociedade ou as tarefas que devemos empreender, mas acima de tudo o amor recebido do Pai graças a Jesus Cristo pela unção do Espírito Santo” (DAP, n.14).*

##### Conclusão do Documento

Aí lemos: Porque “pareceu bem ao Espírito Santo e a nós” (At 15,28), “esta V Conferência deseja despertar a Igreja na América Latina e no Caribe para um grande impulso missionário” (DAP, n. 548). “Para nos converter em uma Igreja cheia de ímpeto e audácia evangelizadora,



temos que ser de novo evangelizados e fiéis discípulos” (DAp, n. 549). “É um afã e anúncio missionário que precisam passar de pessoa a pessoa, de casa em casa, de comunidade a comunidade” (DAp, n. 550).

É “despertar missionário”, que toma “a forma de Missão Continental”... que “procurará colocar a Igreja em estado permanente de missão” (DAp, n. 551). Por isso, “recuperemos o ardor e a audácia apostólicos” (DAp, n. 552).

#### Atitude Missionária Fundamental – Prioridade do “outro”

Numa “Igreja toda Missionária” é determinante dar prioridade ao “outro” em relação ao “nós”, em que o “nós” é para os “outros”, a serviço dos “outros”.

Aparecida declara:

*“O conteúdo fundamental da missão de Jesus Cristo é a oferta de vida plena para todos. Por isso, a doutrina, as normas, as orientações éticas e toda a atividade missionária das Igrejas, devem deixar transparecer essa atrativa oferta de vida mais digna, em Cristo, para cada homem e para cada mulher da América Latina e do Caribe”* (DAp, n. 361).

De fato, “a Igreja tem como missão própria e específica comunicar a vida de Jesus Cristo a todas as pessoas, anunciando a Palavra, administrando os sacramentos e praticando a caridade” (DAp, n. 386).

João Paulo II, na encíclica *Evangelium Vitae*, propõe realizar uma “virada cultural”, com a mobilização geral das consciências e um esforço ético comum, a fim de recuperar a “cultura da vida” versus “cultura da morte”. Tal virada cultural, acrescenta o Papa, exige de todos a coragem de assumir um novo estilo de vida, que dê primado ao ser sobre o ter, à pessoa sobre as coisas. Sobretudo, o novo estilo de vida implica a passagem da indiferença ao interesse pelo outro, a passagem da recusa do outro ao seu acolhimento (EV, n. 95-100).

Ora, a missionariedade é um estilo de vida característico, próprio e diferenciado, de ser Igreja. Progredir de “Igreja: Vida-comunhão-comunidade” para “Igreja: Ação-missão-missionariedade” exige verdadeira “virada cultural”: de fato, é progredir da “cultura de comunhão” para a “cultura de missão”. Se progredir de “sociedade” para “comunidade” foi um difícil desafio ainda não inteiramente superado, maior será o desafio de assumir a cultura da missionariedade.



A característica determinante da cultura da missionariedade é a de que ela envolve basicamente a primazia de “outros” sobre “nós”, colocando-nos a “nós” em função de “outros”, no sentido mais amplo do termo. É a mordente pergunta que não cessa de martelar nos ouvidos do missionário: Nós..., sim, mas os outros? Nós sabemos que Deus é Pai, mas os outros que não conhecem essa consoladora verdade? Nós sabemos que o Filho veio ao mundo e nos fez filhos no Filho, e os outros?

Tal martelante interrogação repete-se também em assuntos de direitos de vida humana digna: Nós temos o que comer, e os outros? Fundamentalmente, a cultura da missão, que equivale à “cultura do outro”, exige como pressuposto, não só a valorização do outro e do diferente, mas também a cultura da abertura, da oblatividade, da dedicação desinteressada, do sacrifício, do “dar a vida”. Ora, tal estilo de vida, já difícil face ao egocentrismo natural, torna-se, hoje, mais difícil, face à macro-mega-tendência moderna do individualismo, consagrado pelo sistema competitivo dominante.

Justifica-se, assim, inteiramente, o reconhecimento de que “necessitamos de um novo Pentecostes!”, a fim de que o anúncio das maravilhas de Deus chegue, em sua própria língua, aos “partos, medos e elamitas, habitantes da Mesopotâmia, da Judeia e da Capadócia, do Ponto e da Ásia, da Frígia e da Panfília, do Egito, da Líbia, romanos, cretenses e árabes” (At 2,9-11).

Sim, “necessitamos de novo Pentecostes”, porque “necessitamos sair ao encontro das pessoas, das famílias, das comunidades e dos povos para lhes comunicar e compartilhar o dom do encontro com Cristo, que tem preenchido nossas vidas de ‘sentido’, de verdade, e de amor, de alegria e de esperança! Não podemos ficar tranquilos em espera passiva em nossos tempos, mas é urgente ir em todas as direções para proclamar” a Boa Nova (DAp, n. 548).

Valha, finalmente, para nós o que pode ser dito como lema de Jesus: “Devo pregar também ali” ou, em texto mais completo da tradução da CNBB, “vamos a outros lugares, nas aldeias da redondeza, a fim de que, lá também, proclame a Boa Nova. Pois foi para isso que eu saí” (Mc 1,38).

## 2 Mudança do eixo articulador da formação

Diante do exposto, fica evidente a reorientação de rumo que deve receber a formação presbiteral. Integrante da ação da Igreja, a formação



dos agentes de uma Igreja Toda Missionária deve ter necessariamente como eixo articulador a missionariedade. Ou seja, o eixo articulador da formação deve progredir da pastoralidade”, ação eclesial de conservação de quem já é discípulo de Cristo, para a “missionariedade”, ação eclesial de fazer discípulos de Cristo aqueles que ainda não o são ou já não o são. Assim, a missionariedade deve impregnar, informar, conformar, reformar e transformar todo processo de formação, desde suas coordenadas, seus fins, seu itinerário, seu conteúdo, seus métodos e suas instituições, tanto durante a formação inicial quanto durante a formação permanente. Se ação é gravar ideias na realidade, formação é gravar a “missionariedade” no processo formativo e nos próprios candidatos ao presbiterado.

#### Breve síntese

- 1) Antes do Concílio Vaticano II, a Igreja Católica, estando numa sociedade monárquica, estruturou-se segundo o modelo societário; o Concílio Vaticano II, impulsionou a Igreja Católica, em face de uma sociedade democrática, a organizar-se segundo o modelo comunitário; a V Conferência do Episcopado Latino-Americano e Caribenho propõe-nos que, numa sociedade laica e secular, adotemos um modelo missionário.
- 2) Tal modelo deve impregnar todas as comunidades, as atividades, as entidades, as estruturas, os processos formativos de toda a Igreja Católica.
- 3) Assim, a missionariedade – eixo articulador da Igreja – deverá ser também eixo articulador da formação presbiteral.

### III Novo modelo de presbítero

#### *Redefinição da Identidade Presbiteral*

##### 1 Texto de Aparecida

A Conferência de Aparecida produziu um texto verdadeiramente antológico sobre a imagem ideal do presbítero, para a América Latina e Caribe (DAp, n. 199), imagem que deve ser assimilada no processo de formação inicial e aperfeiçoada no processo de formação permanente.

Eis o texto, disposto em forma didática: “O Povo de Deus sente necessidade de:



- a) Presbíteros-discípulos: que tenham profunda experiência de Deus, configurados com o coração do Bom Pastor, dóceis às orientações do Espírito, que se nutram da Palavra de Deus, da Eucaristia e da oração;
- b) Presbíteros-missionários: movidos pela caridade pastoral (diga-se: caridade missionária) que os leve a cuidar do rebanho a eles confiado e a procurar os mais distantes, pregando a Palavra de Deus, sempre em profunda comunhão com o Bispo, com os presbíteros, diáconos, religiosos, religiosas e leigos;
- c) Presbíteros-servidores da vida: que estejam atentos às necessidades dos mais pobres, comprometidos na defesa dos direitos dos mais fracos, e promotores da cultura da solidariedade;
- d) Presbíteros cheios de misericórdia: disponíveis para administrar o sacramento da reconciliação” (DAp, n. 199).

No espírito de Aparecida, tomamos a liberdade de desdobrar o qualificativo “presbíteros-servidores da vida” em dois:

- 1) Presbíteros-servidores: que, a exemplo de Cristo-servo, que veio, não para ser servido, mas para servir e dar a vida, se caracterizem pelo espírito de abertura, de oblatividade, de doação, de dar a vida por seus irmãos; presbíteros que deem prioridade ao “outro”, especialmente ao afastado, ao distante, ao diferente;
- 2) Presbíteros-amigos dos pobres: que estejam atentos às necessidades dos mais pobres, comprometidos na defesa dos direitos dos mais fracos, e promotores da cultura da solidariedade; presbíteros que vivam claramente a opção preferencial e evangélica pelos pobres; presbíteros que sejam próximos, amigos, irmãos e pais dos pobres.

## 2 Organização da imagem ideal do presbítero

A partir desses dados e, sobretudo, considerando o presbítero no quadro do modelo de “Igreja: Ação-missão-missionariedade”, podemos formular assim a imagem ideal de presbítero, imagem que deve iluminar e informar todo o processo de formação.

O Povo de Deus sente necessidade de Presbíteros missionários, que sejam discípulos, servidores, misericordiosos e amigos dos pobres. Dizendo de outro modo: O Pastor do Povo de Deus, à imagem de Cristo



Pastor, deve ser um Presbítero-Missionário, o qual deve caracterizar-se como discípulo, servidor, misericordioso e amigo dos pobres.

Repetindo: O processo formativo deve visar à formação de Presbíteros Missionários, mas de missionários que sejam discípulos, servidores, misericordiosos e amigos dos pobres.

Assim, situando-nos no quadro de “Igreja: Ação-missão-missionariedade” podemos organizar a imagem ideal do Presbítero e a imagem ideal do processo de formação presbiteral, do seguinte modo:



No quadro do modelo de Igreja “Ação-missão-missionariedade”,

- 1) O atributo “missionário” qualifica a personalidade do presbítero, ou seja, o predicamento da “missionariedade” impregna,



conforma, informa, reforma e transforma a personalidade do presbítero, constituindo-o na categoria específica, distintiva e substantiva de “missionário”.

- 2) Os demais adjetivos, “discípulo, servidor, misericordioso e amigo dos pobres” passam a ser atributos, que qualificam diretamente a personalidade do “missionário” e, indiretamente, a personalidade do presbítero, de tal maneira que passamos a falar de “missionário-discípulo”, de “missionário-servidor”, de “missionário-misericordioso” e, finalmente, de “missionário-amigo dos pobres”.
- 3) A exemplo de Aparecida, que consagrou a consigna “discípulo missionário”, de tal modo que, mutuamente, um elemento qualifica o outro (o discípulo é missionário, e o missionário é discípulo), os predicamentos “missionário, discípulo, servidor, misericordioso e amigo dos pobres” qualificam-se mutuamente, ou seja, impregnam-se, conformam-se, informam-se, reformam-se e transformam-se reciprocamente formando a rica personalidade do presbítero, tal como sente necessidade o Povo de Deus, na América Latina e Caribe, de um Novo Pentecostes para a missão no continente.

#### Breve síntese

- 1) A identidade, individual ou social-eclesial, envolve essencialmente vida e missão. Numa Igreja missionária, a vida presbiteral deve estar orientada para a missão presbiteral.
- 2) Em consequência, a identidade do presbítero deve estar estruturada em torno do ministério missionário, inclusive e principalmente sua espiritualidade: Todos os atributos de sua identidade devem vir a ser atributos de sua missionariedade.

## IV Definição do itinerário formativo

Ser cristão é um modo global de ser, de viver e de estar no mundo, que abarca a totalidade da personalidade, em todas as suas dimensões, durante todo o tempo. Igualmente, ser presbítero é um modo global de ser cristão, que envolve o seu ser, o seu conhecer e o seu agir, em tudo e durante toda a vida. Consequentemente, a formação do cristão, e mais ainda a do presbítero, requer um profundo processo formativo, que vá



à raiz da personalidade – processo similar, mas mais exigente, que o processo antropológico de iniciação à vida adulta.

Aparecida enfrentou com coragem esta problemática. Talvez a melhor contribuição de Aparecida para o processo de formação presbiteral seja a da formulação do itinerário de formação dos discípulos missionários. Tal itinerário é plenamente apropriado para definir e explicar o Itinerário da Formação Presbiteral.

## 1 Itinerário de formação de discípulos missionários

### 1.1 Breve apresentação e descrição

A Conferência de Aparecida destaca cinco aspectos fundamentais, que se completam intimamente e se alimentam entre si. Tais aspectos, por se complementarem intimamente e se alimentarem entre si, podem ser tomados e tratados como etapas complementares de um itinerário progressivo de formação cristã. Ei-lo, em síntese:

- 1) Encontro com Cristo: É o querigma, aspecto, etapa e fio condutor de um processo que culmina na maturidade do discípulo de Jesus Cristo. “Não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou por uma grande ideia, mas através de um encontro... com uma pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva” (DCE, n. 12).
- 2) Conversão: É o aspecto e a etapa da resposta inicial. Quem se encontrou com o Senhor, decide mudar sua forma de pensar e de viver e fazer-se discípulo de Jesus Cristo.
- 3) Discipulado: É o aspecto e a etapa da aprendizagem, isto é, do aprofundamento da resposta inicial, ou seja, do amadurecimento do conhecimento, do amor e do seguimento de Jesus, e de sua pessoa, sua doutrina e seu exemplo.
- 4) Comunhão: É o aspecto e a etapa da integração em uma comunidade de discípulos de Jesus Cristo.

*“A fé é ato pessoal (...). Ela não é, porém, ato isolado. Ninguém pode crer sozinho, assim como ninguém pode viver sozinho. Ninguém deu a fé a si mesmo, assim como ninguém deu a vida a si mesmo. O crente recebeu a fé de outros; deve transmiti-la a outros (...). Cada crente é como um elo na grande corrente dos crentes. Não posso crer sem ser*



*carregado pela fé dos outros, e pela minha fé contribuo para carregar a fé dos outros” (CIC 166).*

- 5) Missão: O discípulo, à medida que cresce na experiência do encontro com Cristo, em comunidade, sente sempre maior necessidade de anunciá-lo, ou seja, ser enviado, ir pelo mundo, tornar realidade o Reino de Deus: “Ai de mim, se eu não evangelizar”.

## 1.2 Análise Pedagógica do Itinerário

Do ponto de vista da formação, podemos destacar nesse itinerário três aspectos ou momentos distintos:

- 1) Ponto de Partida: Causa ou condição necessária: Encontro com Cristo;
- 2) Caminhada: Etapas centrais do processo: Conversão, Discipulado e Comunhão;
- 3) Ponto de Chegada: Frutos do Processo: Missão-Missionariedade.

Num quadro, podemos representar assim os distintos aspectos ou momentos do processo de formação cristã, propriamente de iniciação cristã:

| <b>Pressuposto, causa, condição necessária:</b>  |                            |                         |                       |                             |
|--|----------------------------|-------------------------|-----------------------|-----------------------------|
| Encontro com Cristo                              |                            |                         |                       |                             |
| <i>Etapas Centrais do processo de Iniciação:</i> |                            |                         |                       |                             |
| Iniciação Cristã                                 | Iniciação do Povo de Deus  | Iniciação à Vida Adulta | Processo de Conversão | Iniciação à Vida Consagrada |
| Conversão  | Saída do Egito             | Separação               | Desestruturação       | Postulantado                |
| Discipulado                                      | Caminhada no Deserto       | Liminaridade            | Provação              | Noviciado                   |
| Comunhão   | Entrada na Terra Prometida | Integração              | Re-estruturação       | Juniorado                   |
| Missão-missionariedade                           |                            |                         |                       |                             |
| Frutos, Consequências, Resultados                |                            |                         |                       |                             |

## 1.3 Aspectos e Etapas Centrais do Processo de Iniciação

Verificamos, no quadro acima, que, tanto o processo de iniciação, quanto o processo de conversão, tanto à vida civil quanto à vida cristã,



em geral, e à Vida Consagrada, em particular, envolvem três tempos, momentos, etapas ou aspectos:

- 1) Conversão. Corresponde à saída do Egito, etapa inicial de formação do Povo de Deus. É etapa de separação da vida infantil e juvenil. Na conversão religiosa é etapa de desestruturação da cosmovisão secular e laica. Na Vida Consagrada corresponde à etapa do Postulantado, em que o postulante sai do século e ingressa numa Casa de Formação;
- 2) Discipulado. Corresponde à longa caminhada pelo deserto, com todas as suas provações. É tempo de aprendizagem da nova vida, em regime especial, sob a guia de um mestre-guru. Neste tempo, o candidato já saiu de uma casa, mas ainda não entrou noutra: Está no limiar, em regime especial. No processo de conversão, é tempo de ensaio e erro em a nova vida, com todas as suas provações. Na Vida Consagrada, é o tempo do Noviciado.
- 3) Comunhão. Corresponde à entrada do Povo peregrino na Terra Prometida. É etapa de integração social na companhia de adultos.

No processo de conversão é tempo de re-estruturação de nova cosmovisão. Na Vida Consagrada corresponde ao tempo do Juniorado: os Professos temporários convivem com professos perpétuos.

## 2 Aplicação à formação presbiteral

Na folha que segue, oferecemos a proposta da Comissão Brasileira de Diretrizes da Formação para um Itinerário de Formação Presbiteral, inspirado no itinerário da formação de discípulos missionários, indicado por Aparecida:



# ITINERÁRIO DE FORMAÇÃO PRESBITERAL

## Itinerário presbiteral

### ITINERÁRIO CRISTÃO

#### 1. ENCONTRO COM CRISTO

1. TEMPO VOCACIONAL: TEMPO DE ENCONTRO COM CRISTO QUE CHAMA
2. PASTORAL VOCACIONAL
3. DISCERNIMENTO VOCACIONAL

DIOCESE, PARÓQUIA, COMUNIDADES S.A.V.  
SEMINÁRIO MENOR/CENTRO DE FORMAÇÃO/EQUIVALENTE

#### 2. CONVERSÃO

2. TEMPO DE FORMAÇÃO INICIAL À VIDA PRESBITERAL: FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE PRESBITERAL DE BASE
1. CONVERSÃO (SAIR DE) - PERÍODO PROPEDÊUTICO
1. PERÍODO FILOSÓFICO:

1. INTRODUÇÃO AO MISTÉRIO DE CRISTO E DA HISTÓRIA DA SALVAÇÃO
2. FORMAÇÃO FILOSÓFICA

#### 2. DISCIPULADO (CAMINHAR PARA)

1. TEMPO DE INICIAÇÃO AO MINISTÉRIO ECLESIAL: RITO DE ADMISSÃO

2. TEMPO DE FORMAÇÃO PARA O MINISTÉRIO DA PALAVRA MINISTÉRIO DE LEITOR

#### 3. DISCIPULADO

#### 2. PERÍODO TEOLÓGICO

3. TEMPO DE FORMAÇÃO PARA O MINISTÉRIO DA LITURGIA MINISTÉRIO DE ACÓLITO

4. TEMPO DE FORMAÇÃO PARA O MINISTÉRIO DO SERVIÇO-CARIDADE

#### 4. COMUNHÃO

#### PERÍODO PASTORAL MISSIONÁRIO

1. ANO PASTORAL
2. ORDENAÇÃO DIACONAL
3. ORDENAÇÃO PRESBITERAL

#### 5. MISSÃO

3. TEMPO DE FORMAÇÃO PERMANENTE: FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE PRESBITERAL PLENA:
  1. PASTORAL PRESBITERAL; 2. PÓS-GRADUAÇÃO



## Breve síntese

- 1) A formação é um processo progressivo, que segue um itinerário igualmente progressivo;
- 2) Tudo indica que o itinerário da formação do discípulo missionário pode perfeitamente ser aplicado ao processo da formação presbiteral, tanto para a formação inicial, quanto para a formação permanente.

## V Dimensões da formação: espiritualidade missionária

### 1 Conteúdo integral

O Documento de Aparecida trata das dimensões da formação presbiteral nos números 319 a 324. Afirma que é necessário que o Projeto Formativo ofereça aos candidatos à vida presbiteral um verdadeiro processo integral, que envolva: Formação humana, comunitária (DAp, n. 324)<sup>7</sup>, espiritual, intelectual e pastoral. Consagra, pois, as cinco clássicas dimensões da formação presbiteral. Vejamos, brevemente, o que o Documento de Aparecida diz de cada uma delas.

1.1. *Formação Humana*: Ao recomendar especial atenção à maturidade humana, especialmente afetiva e sexual, tem em vista a melhor compreensão do significado do celibato consagrado (DAp, n. 321). Contribui para a formação humano afetiva uma pedagogia e um clima de sã liberdade e de responsabilidade pessoal, bem como o amadurecimento de motivações verdadeiras e autênticas, livres e pessoais (DAp, n. 322; 195 e 196).

1.2. *Formação Comunitária*. É tratada em separado, em número especial. A vida comunitária implica o diálogo, capacidade de serviço, humildade, valorização dos carismas alheios, disposição para se deixar interpelar pelos outros, abertura para crescer em comunhão missionária, respeito à unidade na diversidade (DAp, n. 324).

1.3. *Formação Espiritual*. Dada sua importância, dedicamos um item especial a ela (Ver logo adiante).

<sup>7</sup> Na relação das dimensões da formação integral, feita no número 319, não consta a formação comunitária. Dela, porém, trata-se no número 324.



1.4. *Formação Intelectual.* A formação deve ser séria e profunda, especialmente em teologia e missiologia, devendo-se reforçar o estudo da Palavra de Deus, que venha a ser espírito e vida que ilumine e alimente toda a existência. Ora, tal exigência requer professores bem preparados, em número suficiente (DAp, n. 323).

Ao recomendar seriedade e profundidade especialmente em Missiologia, pode-se incluir a necessidade de enriquecer o currículo com disciplinas que aprofundem o conhecimento do “outro”, como o estudo de outras Religiões, outras culturas, outras igrejas e comunidades, outras filosofias e teologias, outras formas de evangelizar, etc.

1.5. *Formação Pastoral-missionária.* Como é evidente, no modelo de Igreja ação-missão-missionariedade, a formação pastoral-missionária, no espírito de Aparecida, é o eixo articulador e integrador da formação presbiteral. A centralidade da formação pastoral-missionária não pode, porém, reduzir-se à intencionalidade, mas deve traduzir-se em disciplinas de estudo constantes no currículo e em treinamentos práticos de exercício pastoral e missionário, inclusive com estágios pastorais-missionários significativos.

## 2 Espiritualidade missionária

Na lógica de Aparecida, a espiritualidade presbiteral deve ser espiritualidade missionária. De fato, no modelo de “Igreja: Ação-missão-missionariedade”, deve prevalecer e desenvolver-se uma sólida espiritualidade: a espiritualidade da ação (VC 74), a espiritualidade do trabalho (LE 24), a espiritualidade do ministério (LG 41; PO 12 e 13; PDV 24), a espiritualidade da evangelização (EN 74), em suma, a espiritualidade missionária (RM 87).

### 2.1 Proposta de Aparecida

Vejamos algumas declarações explícitas de Aparecida: Ao falar das dimensões da formação, em geral, Aparecida afirma que a “espiritualidade que se promove deve responder à identidade da própria vocação, seja diocesana ou religiosa”. Um autêntico processo de iniciação espiritual deve ser assegurado, especialmente no Período Propedêutico (DAp, n. 219).



Ao falar da Pastoral Presbiteral, Aparecida afirma que esta deve privilegiar a espiritualidade específica, ou seja, a espiritualidade específica dos presbíteros (DAp, n. 200). Logo, Aparecida afirma que os Presbíteros possuem uma “espiritualidade específica”, a “espiritualidade própria dos presbíteros” (DAp, n.285), “um caminho de santidade próprio do ministério sacerdotal” (DAp, n. 316).

Ao falar da Paróquia, comunidade de discípulos missionários, afirma que os organismos paroquiais “precisam estar animados por uma espiritualidade de comunhão missionária” (DAp, n. 203).

Tratando explicitamente de “uma formação na espiritualidade da ação missionária”, afirma que “É necessário formar os discípulos numa espiritualidade da ação missionária, que se baseia na docilidade ao impulso do Espírito, à sua potência de vida que mobiliza e transfigura todas as dimensões da existência” (DAp, n. 284). Ora, os presbíteros ocupam lugar privilegiado entre os discípulos missionários. Logo, como discípulos missionários, os presbíteros devem ser formados na espiritualidade da ação missionária.

É verdade que, várias vezes, Aparecida recomenda uma “espiritualidade de comunhão” (DAp, n. 181; 189; 307; 316; 368), mas também é verdade que a “comunhão” recebe o qualificativo de “missionária” (DAp, n. 203).

## 2.2 *Tarefa necessária, ingente e urgente*

A tradição católica tem larga experiência e sólida teologia sobre espiritualidade, em si mesma, intransitiva, imanente, interior, ilustrada com a sabedoria de grandes mestres, ornados de grande santidade.

Mas há ainda um longo caminho a percorrer em relação à “espiritualidade do Genitivo”, espiritualidade com complemento de especificação, a espiritualidade transitiva, especialmente em relação à ação, ao ministério e à missão. De fato, a teologia do genitivo é recente; teve início com a corrente teológica que tratava da “Teologia das Realidades Terrestres”. Por sua vez, a “espiritualidade do genitivo, mal está ensaiando os primeiros passos<sup>8</sup>. O Vaticano II oferece as bases e o magistério posterior desenvolve alguns “fundamentos”. Cabe à Teologia Espiritual

<sup>8</sup> Conferir: FERNÁNDEZ, Victor Manuel. *Teologia Espiritual Encarnada – Profundidade espiritual em ação*. São Paulo, Paulus, 2007.



ampliar os horizontes, com a “ascética e mística da ação”, sobretudo da ação missionária.

#### Breve síntese

- 1) O Documento de Aparecida consagra as cinco clássicas dimensões da formação presbiteral: A formação humano-afetiva, a formação comunitária, a formação espiritual, a formação intelectual e a formação pastoral-missionária.
- 2) Merece destaque a formação espiritual, quer por sua permanente importância, quer pela índole missionária, que deve assumir.

## VI Outras contribuições de Aparecida sobre formação presbiteral

Aparecida chama a atenção sobre outros aspectos da formação. Vamos elencá-los, sem desenvolvê-los, por falta de espaço:

### 1 Instituições de formação presbiteral

1.1. Pastoral Vocacional e Promoção Vocacional. Para a formação de discípulos missionários, ocupa lugar particular a Pastoral Vocacional, que acompanha todos os que o Senhor chamar (DAp, n. 314).

Diante da escassez de candidatos à vida presbiteral e à Vida Consagrada, é urgente dedicar cuidado especial à Promoção Vocacional, dirigida às vocações para essas formas de vida (DAp, n. 315).

1.2. Os Seminários e Casas de Formação constituem espaço privilegiado – escola e casa – para a formação de discípulos missionários (DAp, n. 316).

### 2 Seleção de candidatos

É necessário que se faça esmerada seleção de candidatos, com os seguintes critérios:

- Equilíbrio psicológico de personalidade sadia;
- Motivação genuína de amor a Cristo, à Igreja;



- Capacidade intelectual adequada às exigências do ministério no tempo atual (DAp, n. 218).

### 3 Candidatos pobres e indígenas

Tais candidatos requerem formação inculturada: Adequada formação teológica e espiritual, sem que isso os faça perder suas raízes (DAp, n. 325).

### 4 Formação permanente

Deve haver complementariedade entre formação inicial, realizada no Seminário, e a formação permanente, que abrange as diversas etapas de vida do presbítero. É necessário despertar a consciência de que a formação só termina com a morte. São necessários projetos diocesanos bem articulados e constantemente renovados (DAp, n. 326).

*E-mail do Autor:*

mitra.uru@insidenet.com.br